

Museu do Ipiranga: Memória e Meninice

Já perdi a conta de quantas vezes fui ao Museu Paulista, que sempre chamei de Museu do Ipiranga. Visitei e revisitei não só porque tem uma arquitetura linda que nos remete ao início da nossa história de país independente, com pompa aristocrática, mas também por tantas peças que compõem o belo acervo a nos transportar no tempo, à atmosfera de um Brasil ainda colonial, depois imperial, mesmo tendo nascido a casa já com ares de República, na puberdade dos seus 13 anos de proclamação. O aconchego extrapola os amplos cômodos ricamente decorados e se estende aos vastos e charmosos jardins com arranjos harmônicos a proporcionar uma sensação de paz e descanso, no mesmo pedaço de chão banhado pelo sol que um dia refletiu o brilho da espada de D. Pedro I, empunhada em riste, a desatar as amarras com Portugal. A histórica ação está lá mesmo, representada no quadro gigante de Pedro Américo, óleo em tela, pintado no mesmo ano em que a Lei Áurea foi sancionada pela Princesa Isabel. Eis uma sensação que vai além de um simples passeio, ou da busca de conhecimento provido por todo museu, porque expõe a nossa História, vívida e eternizada pelos personagens de outrora com seus utensílios e aparatos usados no dia a dia da Colônia, Império e República histórica. Na minha primeira visita, ainda adolescente, deslumbrado com o prédio, invadi o primeiro grande salão, sob protestos da minha mãe que gritava “nada de correria”, mas fingi que não ouvia e passei desatento pelas exuberantes estátuas dos nomeadores das principais estradas paulistas. Mais tarde, já adulto, parei com olhar minucioso. Um deles é o bandeirante Raposo Tavares pousando a mão esquerda na bainha da espada, enquanto a direita prolonga a aba do chapéu, no ofício de vislumbrar caminhos longínquos; o outro

bandeirante é Fernão Dias, “O Caçador de Esmeraldas”, mirando fixamente uma pedra ou mineral que traz próximo ao rosto. Voltando à meninice, escalei os grandes degraus de mármore, tocando de leve, mesmo pensando que não podia, nos suportes dos cristais que então eu não sabia, guardam águas dos mais importantes rios brasileiros, até que, onde a escadaria bifurca, estanquei diante do imponente bronze de D. Pedro I em destaque, o artista principal daquele filme de aventuras brasílicas. Tem até um dos primeiros carros de bombeiros ingleses usados em São Paulo no final do século XIX. Também tem as liteiras. Uma vez pensei: seriam as belas liteiras as antecessoras dos coches e carruagens? Os escravos fazendo papel de rodas... Eu que sempre fui aficionado por álbum de cromos, no museu enxergava figurinhas em tudo: as bandeiras, como a imperial do Brasil, os detalhes dos quadros, dos brasões, das joias e pratarias, das moedas e notas antigas. Acho que os responsáveis pelo museu deveriam lançar um álbum de figurinhas com tudo o que tem nele. Seria instrutivo e ao mesmo tempo divertido. De quebra, o lucro ajudaria nas despesas de manutenção e reforma. Já me imagino colando um cromo da esfera das águas do Rio Amazonas ou trocando uma figurinha repetida da estátua de Borba Gato. A fachada do museu deve ficar em destaque na primeira página, formada por quatro cromos que se completam. Saiba que na minha época de criança havia muitos álbuns temáticos, instigadores da cultura, não apenas os de futebol. O museu poderia resgatar esta tradição tão nossa. Garanto que muita gente, assim como eu, preencheria o álbum todo, enquanto ludibriaria as asas de Chronos até a reabertura das grandes portas do nosso principal museu.